

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 249/2013

A RENÚNCIA DO PAPA

Desde que se anunciou a renúncia do Papa Bento XVI, os jornais abrem diariamente páginas e páginas de comentários, explicações e interpretações do gesto absolutamente inesperado. E os amigos me pedem com insistência que dedique um Correio a este fato de tão extraordinária raridade na História do Cristianismo.

Ocorre que a vida de um Papa, a realidade dos fatos ligados a ela, é tão cuidadosamente preservada do conhecimento público, é tão intransparente para o mundo, que se torna praticamente impossível qualquer comentário ou tentativa de explicação do gesto por quem não se encontra no interior imediato desse reservadíssimo círculo de acontecimentos.

A primeira pergunta vem logo: tem que ser assim com tanta reserva? Respondo que pelo menos sempre foi assim, Isto é, tudo o que é sagrado sempre foi misterioso; a sacralidade sempre foi cercada de mistério e inacessibilidade, colocada muito acima da mundanidade. E o Papa, por ser um representante direto de Deus, para os católicos, por ser diretamente escolhido por Deus inspirando os Cardeais, o Papa é uma figura humana e sagrada, como não existe outra tão sagrada na terra.

Se o Papa renunciou, só pode ter sido também, para os católicos, por inspiração vinda diretamente de Deus; renunciou por vontade de Deus. Isso aconteceu pouquíssimas vezes nos dois mil anos de história da Igreja, e só aconteceu em momentos de crises gravíssimas e explícitas da Igreja, nas quais a vontade de Deus só poderia ter sido a de mostrar ao mundo a crise gravíssima, e não de resolvê-la internamente, reservadamente, usando os procedimentos canônicos.

Há a alegação pessoal e oficial da incapacidade física de Bento XVI, pelo enfraquecimento próprio da idade. Tem que ser respeitada e considerada como uma boa motivação, mas realmente não é muito convincente para os que não são tão profundamente ligados na fé católica, já que o Papa dispõe de um tal apoio assessorial, médico, material e espiritual que lhe possibilitaria o cumprimento dos deveres com um mínimo de esforço físico.

Há então uma grave crise da Igreja? Há muito tempo todo mundo sabe e comenta, há uma crise de longo prazo em toda a religião católica, não apenas por continuar aferrada a dogmas e preceitos absolutamente ultrapassados pela realidade moderna, como o do celibato dos padres e o da exclusão das mulheres do sacerdócio, mas porque, desde o Renascimento, o Iluminismo, o Materialismo, as evidências incontestáveis da ciência vêm abalando a crença nas verdades religiosas e nos próprios livros sagrados.

E a esta crise de longo prazo se vem acrescentando e crescendo outra mais recente, diretamente ligada a erros próprios do Catolicismo. Erros do século passado, como a leniência para com o nazismo e seus crimes hediondos, o envolvimento político com os líderes do neoliberalismo (Reagan e Thatcher) com vistas à derrocada da União Soviética, e a asfixia da teologia da libertação na América Latina. E erros mais recentes, que se podem dizer da atualidade, como o encobrimento dos escândalos financeiros do Vaticano, desde o estarrecedor caso do Cardeal Marcinkus até as denúncias que hoje envolvem o Banco da Cúria, e os abusos sexuais de padres em vários pontos do mundo. Bem, mas isso já vem de várias décadas, foi reconhecido pela Igreja e não motivou nenhum dos Papas anteriores a renunciar.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 249/2013

Há então uma outra crise ainda mais grave dentro do próprio Vaticano? Ao que tudo indica, ao que as próprias palavras do Papa deixam entrever, há, sim, uma crise ainda mais profunda dentro da Santa Sé. E debaixo do segredo que cerca esses assuntos, tratados pela vocação incandescente da mídia, surge toda sorte de comentários, denúncias e especulações que não dá para analisar nem para acreditar. Menciona-se um dossiê de 300 páginas, relatando crimes inimagináveis que iriam do roubo de milhões até a trama de assassinatos, dossiê que teria sido o real motivo da abdicação.

Realmente não é possível acreditar num conjunto desse vulto absurdo. Porém dá para compor uma explicação mista de gravidade circunstancial e de incapacidade pessoal, somando-se ao esgotamento físico, real, do homem Josef Ratzinger, uma desabilitação própria dele mesmo para o enfrentamento de questões políticas de extrema dificuldade. Uma abdicação que resultaria de uma autocrítica de Bento XVI, reconhecendo, conjuntamente com seu enfraquecimento físico, sua desabilidade pragmática, política, para enfrentar com energia e talento esses crimes, sem deixar desabar o muito que resta do edifício eclesiástico. O Papa é um ser humano e há homens com vocações e talentos claramente pragmáticos, políticos, e outros, como ele, vocacionados para a filosofia, o pensamento puro, a teoria, a teologia, a orientação e o debate espiritual. Há uma pintura famosa de Rafael, mostrando Platão e Aristóteles no portal da Academia, num diálogo gesticulado em que Platão aponta para o céu, a significar que o que importa realmente são as idéias, e Aristóteles aponta para a terra, a dizer que o que vale é a realidade prática da vida.

Bento XVI, essencialmente platônico, teria renunciado para dar ensejo a que um aristotélico hábil enfrente com mais eficiência essa gigantesca crise.

Quem sabe? Quem saberá? Eu não sei nem saberei; faço apenas um exercício de interpretação a pedido de amigos.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br